

OS CAMINHOS DA LIBERDADE :

DA IDADE DA RAZÃO À IDADE DA REVOLTA

DISCUSSÕES SOBRE A POLÍTICA E A CULTURA
NO PÓS 25 DE ABRIL



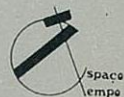
António Fonseca Ferreira
António José Saraiva
Augusto Abelaira
Boaventura de Sousa Santos
Diana Andringa
Eduardo Lourenço
Eduardo Prado Coelho
Ernesto Melo Antunes
Fernando Belo
Fernando Pitelira Santos
João Martins Pereira
José António Saraiva
José M. Paqueta de Oliveira
José Miguel Júdice
Juan Mozzicafreddo
Luís Salgado de Matos
Manuel de Lucena
Maria Antónia Fiadeiro
Maria de Lurdes Pintasilgo
Miguel Serras Pereira
Regina Louro
Vitor Matias Ferreira

316

1002

SELECÇÃO DE TEXTOS

E APRESENTAÇÃO DE JUAN MOZZICAFREDDO



RESISTIR OU RE-EXISTIR*

João Martins Pereira

"O que eu chamo metamorfose é da ca
beça para o corpo, é combate à ideolo
gia que nos pariu, é mudar as perspecti
vas não ao nível das ideias, mas do ima
ginário, do desejo, da acção"

Fernando Belo, G do M, nº 1

"(...) há que, julgo eu, aceitar uma certa
perda, um certo fracasso, no espaço po
lítico e pôr o problema, para além da
rotura, no campo cultural, como cam
po, mais que autónomo, independente
- embora interligado, porque tudo se
interliga (...)

Nuno Teixeira Neves,
JN, 11 de Maio

"(...) medo que todos sentimos de toda
a ideia totalizante, de toda a solução
global que possa sugerir de perto ou de
longe uma solução totalitária."

Eduardo Prado Coelho,
citado por N.T. Neves
no texto anterior

Sou homem numa sociedade machista. Os problemas que isso me
põe, as escolhas que isso me impõe, são meus/minhas. Nenhuma mulher

* Revista Gazeta do Mês, 2, Junho, 1980.

conhece essa situação, ou essa condição. Poderá porventura apreender através dos meus actos e do meu discurso implícito (muito mais que do explícito), em que medida o homem concreto que me vou construindo se distancia ou não do homem-macho genérico que foi, desde enroscado feto, a minha hipótese mais provável. Essa condição, reivindico-a e assumo-a. Sem complexos, antes de mais sem o complexo de "não ser mulher". E porque haveria de tê-lo se é coisa que me está vedada, que não posso, essa, escolher?

A condição feminina é-me exterior, como o é, num outro plano, a condição operária, a mim, intelectual de extracção burguesa. Libertar-me do complexo de "não ser operário" não é distanciar-me do problema da exploração. É justamente escolher colocar-me, em relação a ele, na única posição que, de boa-fé, me é possível assumir: a da apreensão intelectual, a da "teoria", a de uma prática solidária, que não a de uma prática vivida (impossível) ou a de uma prática imitada (falsa). Levantemos de uma vez certas ambiguidades persistentes: não posso fazer minha a luta pela emancipação feminina, como não posso fazer minha a luta proletária. Estou com elas. E ao estar com elas, isso determina-me nas lutas que me pertence, a mim, travar.

A analogia proletária não foi chamada aqui por acaso. Ela ainda nos condiciona e nos confunde. É que, durante demasiado tempo, uma leitura a meu ver restritiva de Marx fez-nos identificar proletariado com emancipação. Cometemos o erro de conferir ao proletariado-em-si, entidade que mitificámos, o papel de portador exclusivo de todos os "valores de emancipação", ao ponto de admitirmos (acreditarmos) que a emancipação do proletariado era condição necessária e suficiente para a emancipação geral, de toda a sociedade. A "velha esquerda" continua a achar isso mesmo, e a secundarizar todas as lutas parcelares (incluindo a "feminista"), à espera que a "conquista do poder pelo partido do proletariado" - abusivamente entendida como a "emancipação dos trabalhadores" - venha enfim trazer consigo, necessariamente, o triunfo em todas elas. O que está longe de ter sucedido nos exemplos históricos conhecidos, e nos recorda um desencantado poema em que se diz: "Tão ocupado andei a lutar/com o meu inimigo principal/que acabei esmagado/pelos meus inimigos secundários."

OS NOVOS POPULISMOS

Mas a tal leitura de Marx conduziu-nos a outro erro, esse talvez mais grave, veremos porquê. Chamar-lhe-ei o "erro estatístico", por ser semelhante ao do indivíduo que, ao saber que a "esperança de vida" no seu país é de 65 anos, "conclui" que viverá até essa idade - e logo a seguir morre atropelado com o anuário estatístico debaixo do braço. Idêntico raciocínio nos levou a considerar que, se o proletariado é portador da emancipação geral, então cada operário individualmente é, ele-próprio, portador da sua e da minha/nossa emancipação. Mais um passo, e "o operário tem sempre razão". Mais ou tro, e aí estou eu a "mimar o operário". Houve mesmo quem quisesse

ser operário, e se tenha empregado em fábricas, onde obviamente apenas fez de operário. A maioria não quis, mas fartou-se (farta-se) de sofrer com o complexo de não (poder) ser operário.

Ultrapassado o primeiro erro (melhor: deixado à "velha esquerda"), este último continua a produzir os seus efeitos. Dele tinham, como vimos, decorrido todos os obreirismos, populismos e paternalismos de tanto "intelectual progressista". Hoje, esse mesmo tipo de mentalidade complexada incita muitos de nós a uma fácil transposição. Se deixou de haver um portador único de todas as emancipações e consideramos existirem diversificados portadores de "emancipações" que achamos justas, segue-se que: "a mulher tem sempre razão". "o homossexual tem sempre razão", "o jovem tem sempre razão", "o africano, ou o árabe, ou o vietnamita tem sempre razão", e por aí adiante. Estamos num labirinto - a que se tem chamado crise.

O SUBVERSIVO-EM-SI

Na realidade, boa parte da crise vem da nossa relação com aquilo a que chamarei o subversivo-em-si. Assistimos, de longe (que isto por cá nem mexia), à gradual domesticação das classes operárias, à canalização das suas energias para a luta institucional (a Oeste) ou para o cumprimento do Plano (a Leste). Daí os primeiros abalos na convicção, que ainda mantivemos muitos anos (e que o Abril português nos reavivou), quanto à subversão radical que continha em si a acção proletária. Maio de 68 e tudo o que se lhe seguiu trouxe-nos novas pistas, onde a cada passo buscávamos identificar novos "campos de subversão": ideias, comportamentos, actos que a sociedade não poderia suportar, que a minavam por dentro pelo que continham de subversivo-em-si. A sociedade de consumo, a sociedade tecnocrática, a sociedade falocrática, a sociedade assente nos valores da família e da hierarquia social - tal sociedade não poderia suportar a reivindicação/afirmação do desejo, da emancipação dos corpos, nem a dos "novos modos de viver" (as comunidades, a recusa do trabalho assalariado e dos objectos de consumo de massa, as várias "marginalidades", etc.), nem a intrusão do imaginário no mundo da "razão", nem a reconquista da natureza ao mundo da produtividade e da poluição.

Uma vez mais nos iludimos. Não soubemos/quisemos distinguir o que, em todos estes movimentos, ideias e comportamentos, é apenas sinal de uma "cultura de crise" - crise da própria sociedade -, do que é sinal de emancipação, semente de subversão e de futuro outra. Em todos os períodos de crise das sociedades multiplicam-se as teorias e as práticas de "fuga" ao real, ressuscitam os misticismos e as utopias, entra-se na vertigem do antes-do-Dilúvio. Unem-se então numa aparente subversão os mais radicais e os mais conservadores, é o desespero (se não o pânico) o grande unificador, o imaginário (ou o "irracional") a grande bóia de salvação. Houve candidatos a ditador que sobre isso construíram o seu poder e o seu fascínio. Também eles falavam do fim das ideologias. É por demais conhecido.

A busca do subversivo-em-si é mais uma perigosa comodidade/fuga a que nos entregamos. Porque o facto é que só pode haver subversivo-em-nós. Duas escarpas no fundo das quais corre um rio representam um imenso potencial de energia: resta que alguém decida lá pôr uma barragem. De contrário, elas poderão servir como local de turismo, atrair alpinistas ou suicidas. O desejo, o imaginário, podem de igual modo ser subversão ou refúgio. Só o comportamento global de cada um nos dará a chave.

Um poema em que a palavra "corpo" me surge linha sim linha não pode apenas denunciar-me os problemas que o poeta tem por resolver com o seu próprio corpo. o êxtase erótico de um, dois ou mais que dele participam, do mesmo sexo ou de sexos diferentes, pode de esgotar-se no orgasmo solitário ou colectivo, pode ser apenas uma embriaguês de fuga a um quotidiano convencional, mesquinho, a um quotidiano em que porventura imperam sórdidas relações de poder e de opressão entre os próprios que assim se comprazem. Como também um convicto combatente anti-nuclear poderá ter o imaginário povoado de visões idílicas de uma ruralidade feita de alegres desfolhadas e pores-do-sol sobre searas doiradas.

POR UMA ESQUERDA NÃO SOFREDORA

Que esquerda e direita, face à(s) crise(s) - a deles e a nossa, como diz F. Belo -, se põem a colher nos mesmos terrenos, é um facto. Por isso mesmo, (se mais não houvesse), tenhamos ou não "medo das ideias totalizantes" (E. P. Coelho), a esquerda, uma nova esquerda, só se pode identificar se procurar integrar numa visão emancipadora global os seus combates e as suas "subversões" - sem excluir o político, isto é, sem se reduzir ao "campo cultural" (como parece sugerir N. T. Neves), onde mais propícias serão as solidariedades suspeitas e as diluições abusivas. A compartimentação do real e do "saber" foi o que nos ensinaram e com que nos quiseram domesticar.

Fazer uma "metamorfose da cabeça para o corpo" (F. Belo) será começarmos a "totalizar-nos" a nós próprios - dito por palavras nos controversas, fazermos com que se encontrem as nossas cabeças e corpos. E ao encontrarem-se, teremos dado o imenso passo subversivo esse, de nos "sentirmos na nossa pele". Porque suspeito que se, apesar de tudo, há algo que esta sociedade tolera mal, é o não-sofrimento. Somos talvez mais filhos da Igreja do que do capitalismo. E a esquerda, de certo não só por isso, tem sofrido demasiadamente. Eles são sacrificados militantes, eles são lutadores tristonhos, guerrilheiros desesperados, revoluções, sem alegria. Corpos e cabeças desencontrados - como também convém a uma "disciplina revolucionária" de autómatos e, sobretudo, de devotos.

A esquerda tem-se limitado a resistir, sofredoramente. Trata-se de descobrir a alegria e o entusiasmo de re-existir.

«Deste modo, ao questionar-se o tema do socialismo democrático e da política cultural, não se pretende que o primeiro termo, o de 'socialismo democrático', seja o de uma realidade desde logo definida, fixada e estável, e que o segundo se venha a definir no espaço do primeiro. Pelo contrário, parece tomar-se consciência, ao que me consta também pela primeira vez, de que os dois termos da nossa problemática são realidades em aberto, e que o seu destino se joga num só lance, numa meada de tal modo enredada que se torna difícil dizermos por que ponta lhe havemos de começar a pegar».

Eduardo Prado Coelho

